

MARIA ORTIZ



O chiqueiro, logo na porta do barraco de Antônio



A casa de Maria José e os detritos que nada têm a ver com o antigo "lixão"

Quando, na última quarta-feira, os jornais anunciavam a descoberta de uma fonte de gás metanol em Maria Ortiz, os moradores daquele bairro estavam apenas diante de mais um motivo para preocupações — desta vez — temendo os riscos que a exposição ao gás, altamente tóxico, traria a sua saúde.

Um sentimento de apreensão que não se dissipou nem com a afirmação do prefeito Carlito von Schilgen de que as possibilidades de contaminação pelo gás são reduzidíssimas, por se tratar de uma área aberta. A Prefeitura não vai, por julgá-las desnecessárias, tomar quaisquer providências a curto prazo; o mau cheiro

Por um pedaço de terra

Por Sylvio Costa e Murilo Rocha (fotos)

"Quando a gente veio pra cá, era tudo alagado. Quando chovia, dava para gente até pescar da janela daqui de casa. Tinha lixo espalhado por tudo quanto era lugar por aí. Gente, só tinha pros lados de lá. Por aqui, não tinha quase ninguém..."

"A gente não tinha condições de pagar aluguel. Então, o jeito foi a gente ocupar uma área, fazer o barraquinho e encostar. Mas não foi fácil. Isto aqui era tudo mangue: tinha uma mata ruim de derrubar. Meu falecido pai teve um trabalho danado pra cortar aqueles troncos de árvores aquele monte de planta".

Maria José Vieira é quem relembra a época em que se mudou para o bairro, há seis anos. Seu barraco foi construído sobre o mangue, junto ao de seus pais, do irmão e de um outro da irmã. "Era uma catimba que você não aguentava por causa do lixão", diz.

"A gente teve muita dificuldade

reformas na Avenida Paulino Muller para se estabelecerem em um modesto conjunto construído no bairro pela mesma Prefeitura.

Mais do que tudo isso, aumentaram as carências, reduziram-se as possibilidades de se encontrar terras livres para morar. Tornou-se cada vez mais difícil fugir dos aluguéis, dos controles, dos especuladores de plantão.

A PROMESSA

O "lixão" foi e não deixou saudade. A partir de agora, todo o lixo do município de Vitória passava a ser depositado nas proximidades da Rodovia Serafim Derenzi. A área aterrada seria distribuída aos "carentes".

Numa solenidade oficial em que se fez presente até o governador do Estado, o prefeito Carlito von Schilgen prometeu que 400 lotes seriam dados a pessoas carentes, com preferência para os moradores de Maria Ortiz. Depois, verificou-se que o número correto era de 250 lotes... não importa. Logo, a notícia se espalhou: terra

por aquele chiqueiro em períodos normais, somam-se outras inconveniências em época de chuva. O barraco do colatinense Antônio, que fica a um metro do chiqueiro, torna-se, então, uma extensão deste.

"Ah, os moços teriam que criar esses porcos em outro lugar, não pode ficar aí do jeito que está. Se no interior, o governo não permite uma coisa dessa não tem isso aqui na cidade vai poder? O, o menino (filho de Antônio), ó! Ele está que está mosquito puro, tadinho..." — protesta uma senhora do "Movimento".

Pior, porém, para a família é pagar o aluguel. "Dois mil cruzeiros por este barraco aqui, é demais!", exclama Antônio. Principalmente para quem, como ele, ganha pouco mais de Cr\$ 4 mil por mês trabalhando em biscates. "Quero arrumar um emprego em obra, mas está difícil".

A mulher do barraco da frente, colado ao de Antônio, não está em melhor situação. Tem sete filhos, um aluguel de Cr\$ 1.500, para

um barraco para morar", disse a moça do Movimento, também escolhida representante de sua rua na Comissão dos Moradores.

Falando com enorme convicção, ela dava sua opinião sobre as injustiças sociais: "Pra que tanto dinheiro estocado de um lado e tanta miséria do outro? Você viu aquela família lá morando perto dos porcos, né? Como é que pode uma coisa dessas? Nós já estamos no início do fim do mundo, porque, no fim, vai ser muito pior ainda. Não é de lei eu ficar comendo do bom e do melhor. O que Deus deixou para todos nós está didido assim..."

Não imaginem os mais conservadores estarmos diante de uma agitadora em potencial ou de uma perigosa "subversiva". A moça que preferiu não dar o nome ("fica chato pro pessoal dar entrevista assim botando o nome sem avisar antes...") — confessa, por exemplo, acreditar nos bons propósitos do prefeito Carlito von Schilgen. "E a gente precisa do Governo, do prefeito, do rico, que eles também

de desneCESSARIAS, tomar quaisquer providências a curto prazo; o mau cheiro exalado pela substância gasosa persistirá, assim, até que a fonte se esgote. No mais, como disse um funcionário da Prefeitura, "os pobres terão gás de graça".

Antes, no entanto, de se falar em gás, uma outra história — talvez mais dramática, embora menos comum — se desenrolava no mesmo cenário do bairro Maria Ortiz. O enredo pode ser resumido mais ou menos assim: a Prefeitura aterrou um depósito de lixo, dividiu a área em lotes e anunciou que eles seriam distribuídos aos pobres.

Os protagonistas dessa história? Todos os candidatos a proprietários de terra. Agora, imagine o número de pobres e de oportunistas existentes em Vitória e municípios vizinhos que por aí andam em busca de lotes...



Quando chove, o bairro fica uma poça de lama só

de um outro da irmã. "Era uma catinga que você não agüentava por causa do lixão", diz.

"A gente teve muita dificuldade. Tinha muito mais goteira do que tem hoje. Os maruins, aqueles bichinhos, pretinhos que têm muito em mangue, não deixavam a gente em paz. O bichinho mordida que as crianças ficavam tudo cheias de caroço".

Não faz nem três meses, veio uma chuva forte que quase deixa Maria, o marido e seus três filhos desabrigados. "O barraco cedeu com a maré cheia, ficou quase enterrado. Ficamos três dias dentro d'água. Vinha água até o peito. Tivemos que tirar o barraco e botar ele mais pra frente".

Nesta tarde de quinta-feira, a família Vieira está toda em casa. Os meninos vêem um desenho animado na televisão preto e branco, enquanto os pais conversam no sofá. Estes conseguem cerca de Cr\$ 12 mil mensais vendendo pinturas e trabalhos em material plástico com motivos religiosos.

"Mas não adianta porque a gente ajuda minha mãe, ajuda aqui ali e sobra quase nada. Se fosse só prá gente, a gente estava melhor", acrescenta Maria José. De qualquer maneira, o barraco tem geladeira, fogão a gás, TV, uma saleta arrumada com tapete, sofá e até duas poltronas em bom estado. Sem dúvida, é uma casa pobre — porque, como fala Maria, "pobre é sempre pobre" — mas em melhor situação do que muitas outras das redondezas.

AS MUDANÇAS

Bons tempos aqueles em que você podia chegar naquela extensa área coberta de lixo, mangue e com poucos casebres à vista e instalar seu barraco no lugar que achasse o mais adequado. Tudo isso sem sequer pensar na possibilidade daquela terra ter dono, sem precisar pedir nada a nenhuma autoridade...

As coisas mudaram muito no bairro, Maria Ortiz. Há seis anos, o mangue ia até o barraco de Maria. Hoje, ele não chega nem a mil metros dali. Os detritos espalhados em torno de sua casa (ali jogados pelos vizinhos) não são mais do que uma pequena recordação do famoso "lixão", aterrado pela Prefeitura Municipal há aproximadamente seis meses.

As poucas casas existentes atrás de Goiabeiras até alguns anos se multiplicaram, e, com o aterro do mangue e do "lixão", o próprio espaço físico do bairro cresceu.

O número de moradores triplicou de quatro anos para cá (atualmente, moram em Maria Ortiz pelo menos 7 mil pessoas). Boa parte deles saiu de Jucutuquara, onde a PMV os desapropriou de suas residências para promover

parentes, do "lixão" para os moradores de Maria Ortiz. Depois, verificou-se que o número correto era de 250 lotes... não importa. Logo, a notícia se espalhou: terra de graça para os pobres, terra para quem precisa em Maria Ortiz! E aí que começou a confusão.

Candidatos a carentes, carentes e miseráveis apareceram de tudo quanto era canto, todos em busca de um "pedacinho de terra". Rapidamente, formou-se uma comissão encarregada de garantir que os moradores do bairro não fossem prejudicados ou frustrados em suas expectativas. O Movimento da Terra. Dezenas e dezenas de pessoas passaram a frequentar os corredores da Prefeitura à procura de lotes.

Em Maria Ortiz, uma moradora, Leni dos Reis Silva, comentava: "Olha estão dando lote a pessoas que não têm nada de carentes. Você vai lá ver e tem um monte de áreas vazias. É gente que ganhou o terreno e não constrói nada, só deixa lá pra vender depois. Enquanto isso quantas pessoas não estão por aí sem ter onde morar, morando em péssimas condições, pagando aluguel sem poder?".

Funcionários da Prefeitura alegavam desorientação ante o grande número de pessoas comprovadamente necessitadas que permanecem à espera de um canto para viver — "os lotes são poucos..." Leni, entretanto, dizendo-se amiga do prefeito, disse que a coisa não é bem assim:

— Está acontecendo muita coisa errada nessa história. E o problema não é do prefeito, é dos assessores dele. O prefeito deveria até verificar como os subalternos dele estão dando área para qualquer um. Tem uma área, toda cercada, que foi doada para a Associação dos Operários Municipais. Só que ninguém sabe o que é isto. Têm três áreas vazias que já foram doadas não se sabe para quem, dizem que foi para o vereador Ary Bezerra. Teve um empregado da Prefeitura que ganhou um lote e até já vendeu por Cr\$ 140 mil. E o povo pobre daqui de Maria Ortiz? E a lista que o povo daqui fez com os nomes dos carentes?

OS PORCOS

Antônio Ferreira da Silva é um desses nomes que estão na lista. Ele veio de Colatina recentemente, com a mulher e quatro filhos. Mora numa casinha de dois cômodos espremida entre dois barracos e um chiqueiro de porco.

"Ah, rapaz, isso aqui é fogo, num sei mais o que eu faço com esses porcos", reclama ele. "Já pezejei com o dono deles, que é o moço que me aluga este barraco, pra tirar esses porcos mas ele num tira de jeito nenhum. Ele diz que num está atrapalhando ninguém".

Ao mau cheiro, aos insetos e aos riscos de saúde representados

obra, mas está difícil".

A mulher do barraco da frente, colado ao de Antônio, não está em melhor situação. Tem sete filhos, um aluguel de Cr\$ 1.500 para pagar todo mês e uma "doença dos nervos" que volta-e-meia vem lhe importunar. O marido ganha Cr\$ 1. mil 400 por semana.

Leni, que não pára de falar o tempo todo, aproveita: "Como é que uma pessoa pode viver assim? A gente que está numa situação um pouco melhor tem que fazer alguma coisa. E a Prefeitura está dando terra a centro espírita..."

Antônio, calado, sério, apenas balança a cabeça em sinal de anuência. Leni fala inclusive em cenas de violência. Os "homens da Prefeitura" teriam, segundo ela, mandado arrancar os barracos de um grupo de pessoas que não aguentou mais esperar pela autorização oficial para construir suas casas. "Já invadiram minha casa", continuou Leni, "para me ameaçar porque estou falando demais. Mas não tem jeito, não. Essa parada eles vão perder porque a revolta do povo está aí".

O MOVIMENTO

"Não posso falar em nome da comissão. Eu teria que consultar o pessoal antes para falar oficialmente em nome dele". Feita a ressalva, a mulher, do Movimento da Terra, explicou.

— O nosso movimento surgiu a partir da organização do Movimento da Água, um movimento que teve a participação de quase todos os bairros pobres de Vitória. Depois que a gente conseguiu a água, tentamos retirar o lixo, e, agora, nós resolvemos nos unir para conseguir alguns lotes para o povo daqui. Não queremos tudo não. Só queremos alguns lotes.

Logo após a retirada do "lixão", formou-se a Comissão dos Moradores de Maria Ortiz. São 15 membros, todos escolhidos em assembleia em suas ruas. Desta comissão, surgiu a idéia de se criar o Movimento da Terra, cuja primeira tarefa foi a elaboração de uma lista das pessoas mais carentes do bairro — muitas delas não foram, até agora, atendidas.

No momento, o "pessoal do Movimento" — como se referem os moradores ao grupo de donas-de-casa e trabalhadores que estão pressionando a Prefeitura para que a distribuição dos lotes se dê de maneira satisfatória — está preocupado em arrecadar material de construção para as famílias que, embora, já tenham recebido terra, não têm como ocupá-la. Ou melhor, que não possuem recursos para erguer um barraco.

"A gente está pensando em arrecadar tábuas, em pedir doações através de rádio, em fazer o que for possível para que as famílias nesta situação — são duas, atualmente, mas este número vai aumentar — tenham pelo menos,

antes, com a comissão, por exemplo, acreditar nos bons propósitos do prefeito Carlito von Schilgen. "E a gente precisa do Governo, do prefeito, do rico, que eles também têm que olhar o lado dos outros, não só o deles", acrescenta.

Sua casa fica no conjunto construído pela Prefeitura. Apesar da pequena renda familiar — Cr\$ 10 mil mensais, aproximadamente —, a moça, uma dona-de-casa com tantas outras encontradas por ali, conseqüiu colocar um filho na Escola Técnica Federal — com a ajuda de parentes, claro. "Quero que meu filho estude para saber o porquê das coisas. Muita gente não gosta dos estudantes porque eles sabem porque que as coisas estão assim, sei disso".

Em que pese a disposição dos seus integrantes, o Movimento da Terra encontra sérias dificuldades. Os conflitos entre pobres moradores para saber "quem é carente", por exemplo.

A moça do Movimento conta: "O que tem de gente que vai na Prefeitura brigar por um terreno não é brincadeira. Tem uma dona que às vezes está lá, que chega com a roupa rasgada, bota dois filhinhos do lado e vai pedir um lote. Aí, é pobre engolindo pobre, cada um querendo mostrar que é mais pobre que o outro".

Por que aconteceria isto? "Ora" — responde ela, com cara de quem achou a pergunta meio tola — "porque os grandes querem isto mesmo, é lógico. Botam os pobres pra brigar e eles, inocentes, brigam mesmo. Mas, comigo, não acontece isto não. Porque eu não brigo com ninguém".

Tais problemas, entretanto, não desanimam. Já se começa até a pensar no que se fará depois da distribuição de todos os lotes. "A gente tem que pensar na urbanização. Há um projeto de urbanização que a Prefeitura está a pra executar aqui no bairro. Urbanização, não; calçamento, por que a gente já tem um pouco de estrutura. Então, a gente tem que se preocupar com o calçamento e com a legalização da posse das terras, que também está dentro desse projeto. Porque, a gente, todo esse pessoal que está aqui, não tem nenhum documento — nem "averbação" da Prefeitura — que prova que a terra é nossa. Nós temos que cobrar isto da Prefeitura".

E lá foi a moça se preparar para uma reunião que terá mais tarde da Comissão de Moradores. Eles, no dia seguinte, teriam uma audiência com o prefeito de Vitória. E exigiriam que Carlito não apenas promettesse soluções, mas que "documentasse" suas promessas por escrito". (Este não viu, depois, necessidade para isto. "Minha palavra é a garantia"). Os moradores ainda esperam: querem ver se a lista dos carentes será realmente levada em conta.